



# O Mosteiro de Refóios – Espaço de Reflexão e Saber

Fachada principal do Mosteiro Refóios



Nuno Vieira e Brito

Prof. Adj. Escola Superior Agrária de Ponte de Lima

Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**P**ercorrem, hoje, os longos corredores do Mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em Refóios do Lima, jovens e menos jovens à procura da Sabedoria e do Conhecimento. Traços de um destino em que séculos e séculos depois, as Regras de Santo Agostinho, Mestre, Filósofo e Pedagogo dos inícios da nossa Era (354-430), se perpetuam em nome da Ciência e da Técnica, muito em particular, nas áreas das Ciências Agrárias, Mister e Labor dos Monges que perpetuaram a memória e o belo edifício e couto Monasterial.

Conhece-se (1) a doação por Afonso Ansemondes, seu filho Mendo Afonso e demais familiares, da Igreja de Refojos e bens anexos ao Prior Pedro Peres e outros religiosos que ali vivem observando a regra de Santo Agostinho (*Regula ad servos*), a “*quatro Idus Novembris Era MCLXLII*”, a que corresponde a 10 de Novembro de 1154, numa sessão solene com a presença do legado pontifício, Cardeal Jacinto, do Arcebispo de Braga e do Bispo de Tui, território e diocese onde a igreja se inseria, demonstrando a relevância do momento e a importância do Mosteiro;

Conhece-se (2), também, a doação por D. Afonso Henriques a Mendo Afonso, “*pro bono servicio quod mihi facis et facies*”, de um “condado” situado em Refóios, propriedade posteriormente doada aos monges e integrada no couto concedido ao Mosteiro. Este documento, datado de 1124, anterior à Nacionalidade, apresenta-se semelhante a outros (car

ta da confirmação da Sé de Braga) em que o nosso primeiro Rei distribui honrarias, entre os seus fiéis, antes mesmo do senhorio e governação das Terras Portuguesas.

Constata-se (3), por sua vez, a doação por Mendo Afonso e esposa, em Agosto de 1150 e ao convento de Refóios, cujo prior é seu irmão e cunhado Pedro, do “condado” doado por D. Afonso Henriques, com o seu palácio, bens e direitos inerentes, bem como a confirmação (4), em data muito próxima, do privilégio de “couto”, anteriormente concedido por D. Afonso Henriques a Mendo Afonso e seu irmão Pedro, a favor, agora, do Mosteiro de Refóios.

São, pois, do início da Nacionalidade os documentos que dão origem à constituição do Mosteiro e que habitado pelos monges da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, erguem um Património único e majestoso, ímpar no Alto Minho.

Profundas mudanças religiosas trazem alterações relevantes para quer para o quotidiano quer para a importância estratégica do Mosteiro. Desde logo, o Concílio de Trento, em 1564, que favorece a integração do Convento de Refóios na congregação da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, integrando-o na dependência do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, autorizada por bula papal de 23 de Junho de 1572.

Cresce, então, a Igreja e o Mosteiro, à semelhança e em paralelo com as vocações e doações. Obras profundas na fachada da Igreja, no seu pórtico com motivos



Elemento escultórico de Queirós Ribeiro, antigo proprietário do Mosteiro de Refóios



Azulejos da cozinha do Mosteiro com motivos gastronómicos

renascentistas, na capela-mor coberta por uma abóbada de berço, em granito, nos claustros, de austeras e harmoniosas colunas, no retábulo precioso da capela-mor, obra notável dos meados do século XVII.

Desenvolve-se, simultaneamente, a vertente agrícola do Convento. Terras exploradas pelo senhorio “*indomiticata*”, correspondendo ao couto doado por Mendo Afonso a que se acresce outros domínios de outros conventos e doações entretanto anexados a Refojos, bem como terras aforadas “*terra dominicata*”, que aumentam os proventos e rendas dos monges. Constrói-se uma cerca, que inclui todas as construções edificadas: Mosteiro, Igreja, casas de lagar, engenho de azeite, o pombal, assim como os terrenos agricultáveis como as hortas e pomares, os campos e vinhas. De forma, apenas a área social usufruída pela população: o adro e o terreiro da Igreja.

Pilar importante desta actividade agrícola, a eira, o alpendre e respectivos espigueiros, os lagares, a adega e o celeiro, o engenho de azeite são testemunhos de uma riqueza, favorecida pela abundância de água, suas fontes e tanques, que até mesmo o Lima ajuda, pela posse de uma pesqueira do domínio do Mosteiro. Sinal de um testemunho de outras épocas que, hoje, numa Escola Superior Agrária com igual desígnio e maior criatividade se pretende e deve manter.

Difíceis tempos em Refóios se avizinham, entretanto, no período pombalino. Todos os monges dos nove conventos da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, confluíram, por ordem do Marquês de Pombal, ao Mosteiro de Mafra, despojado dos religiosos menores de S. Francisco, a quem D. João V tinha concedido o convento. Decisões de uma vida, já que após a morte de D. José, sua filha, a Rainha D. Maria reverte a decisão, num decreto de 11 de Abril de 1780, dando novamente a posse do Mosteiro de Refóios aos Cónegos Regrantes. Devolveu o mestre de campo Pedro Malheiro Pereira Marinho, num auto de entrega em Agosto do mesmo ano, o Mosteiro aos seus anteriores proprietários em troca de *doze contos, quinhentos e vinte mil réis, em satisfação do preço que deu e das despesas que tem feito.*

Refóios e o seu Mosteiro apenas vêm chegar os seus cónegos e religiosos nos finais de 1794, início de 1795, reforçado com as doações e bens do Mosteiro de Cármos, em Felgueiras. Intervalo, este, motivado por algumas obstruções de Pedro Marinho e outras estratégias, religiosas e de organização da Ordem e dos seus conventos, consubstanciada em sentenças episcopais, que provocou alguma decadência no edifício e quinta, implicando a necessidade de mais adaptações e melhorias no Convento.

Obras profusas se iniciam em Refóios, da responsabilidade do Arquitecto José do Couto, de valorização do edifício: remodelação da

conventual); um novo andar na ala sul e a deslocação mais para norte do pano central, com acesso ao 1.º andar por solene escadaria; uma capela interna; a reconstrução dos muros externos da fachada leste. Trabalhos incompletos pela ausência de construção de uma ala a norte, simétrica à do lado meridional, que ainda mais engrandeceria esta referência conventual do Minho.

Mas à semelhança do gosto português dos séc. XVIII e XIX, a profusão de azulejos e a riqueza temática, ainda mais engrandeceu o Mosteiro. Persistem os azulejos, sobretudo, na cozinha (com motivos gastronómicos), muito bem conservados, na sala de capítulo, de motivos neoclássicos e no refeitório (com motivos florais e religiosos) e no refeitório dos frades, testemunhando épocas e misteres conventuais.

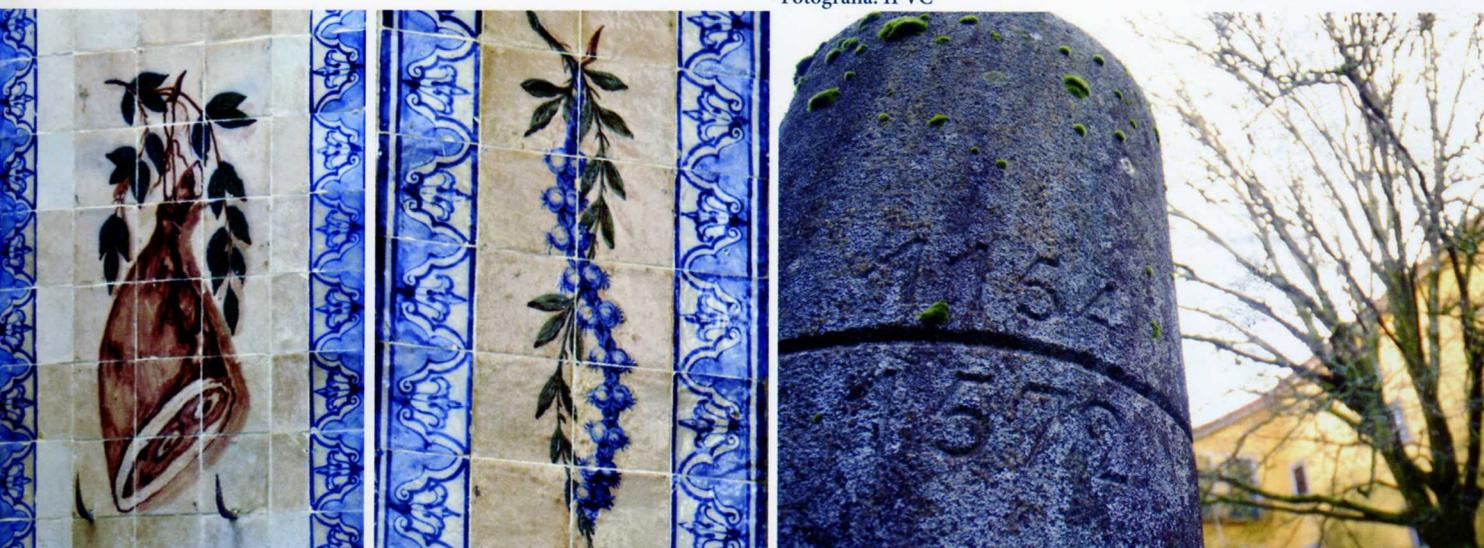
Tempos difíceis aproximam-se com as invasões francesas. Com a redução de recursos, humanos e materiais, o Mosteiro sofre na sua renovação. Passados estes tempos, retomam-se as benfeitorias, com maior incidência na quinta (muros, jardins, latadas). Propõe-se e apalavra-se com o mestre João Alves, em Abril de 1819 e a estar concluída pelo S. Miguel, a ala norte da fachada poente, que nunca se veio a concretizar.

E mais tempos difíceis vieram: a revolução liberal e a extinção das ordens religiosas, em 30 de Maio de 1834, por Joaquim António de Aguiar (o Mata-Frades), com a secularização e a incorporação dos conventos na Fazenda Pública e, posteriormente, a sua alienação a particulares. Tristes e duros tempos se avizinham, então, para o Mosteiro de Refóios.

Vendido a um rico negociante de Viana do Castelo, José Mendes Ribeiro, por 48 contos, seu filho e herdeiro Tomás Mendes Norton caracteriza-o em *Études sur les Oeuvres d'Art de Raphael Sanzio d'Urbino au Monastère de Refojos* (1888), importante documento para a análise histórica e arquitectónica do edifício. Um outro artista, o escultor Aleixo Queirós Ribeiro, adquire o convento e deixa o seu testemunho e, após sucessivas heranças e vendas, este é adquirido pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, em 23 de Maio de 1986, por 74.500 contos, tendo como finalidade a instalação da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Refóios e o seu Mosteiro ressuscitam, então, através da obra de Fernando Távora, um dos mais importantes e brilhantes arquitectos da Escola do Porto que, num projecto iniciado em 1986 e uma Obra concluída em 1993, reerguem o antigo esplendor conventual, agora adaptado a uma Escola Superior. Ilídio Araújo acompanha-o nas áreas envolventes recuperando a envolverência e a riqueza ornamental

Fotografia: IPVC



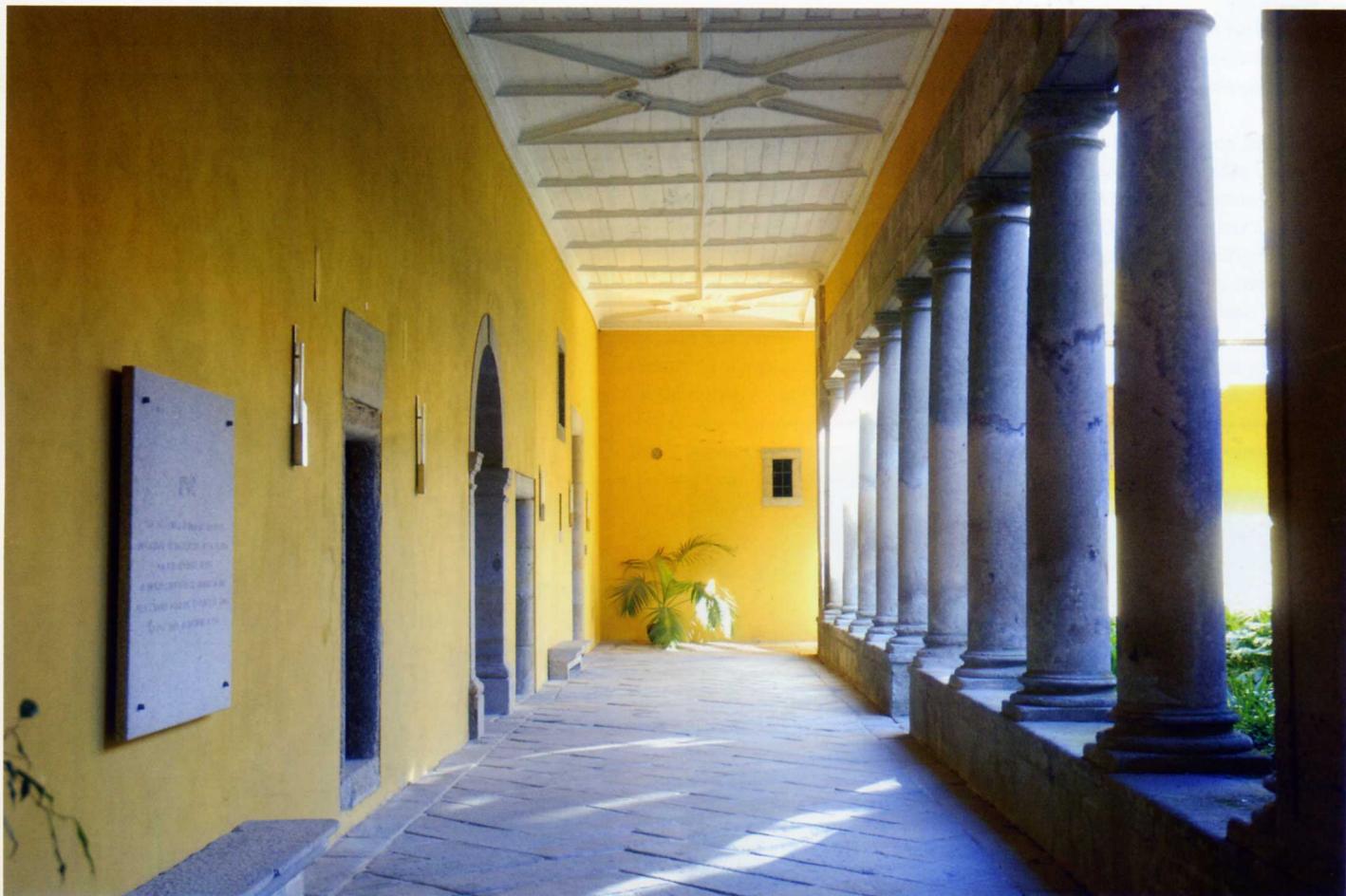
Coluna representando as datas de referência do início (1154) e da finalização (1572) da construção do Mosteiro

De celas a gabinetes, de salas a laboratórios, de armazéns a refeitórios e zonas de serviços, da destruição e decadência a uma vida nova e vigor novo, é, pois, brilhante a recuperação que mantém áreas que testemunham a grandeza monacal (a cozinha, o refeitório dos frades, a sala do capítulo, a capela interior), recupera pormenores deslumbrantes (teto de estuque da biblioteca com motivos musicais, azulejos e recantos), adapta o novo ao antigo (a passagem para o auditório Prof. Castro Caldas), redescobre e constrói funcionalidades (a residência de estudantes), ajusta e propõe novas soluções (de luz,

de cor, de acesso, de função), preocupa-se com o pormenor e os detalhes (desenhando o mobiliário, os candeeiros, o tom da cor) enfim, voltando o Mosteiro de Refóios à sua riqueza arquitectónica e espraído o seu esplendor na Ribeira-Lima.

Em complemento ao edificado e sua monumentalidade, a outra dimensão do Mosteiro reergue-se. Nos finais de 1990, uma primeira turma, de cerca de 20 alunos, inicia a sua formação num curso Superior de Agricultura. Novamente o Saber renasce num ambiente con-

Claustro do Mosteiro



Fotografia: IPVC

dos monges e dos restantes habitantes do Mosteiro. Termina a grande intervenção no Mosteiro, com inauguração oficial em 1992, mas continua o desenvolvimento e o investimento na formação e na ciência.

Novos cursos de diferente grau (Cursos de Especialização Tecnológica, Licenciatura, Mestrado) se oferecem hoje em Refóios. Novas exigências de espaços que implicam a reabilitação do antigo Lagar, em Laboratórios e salas de aula, ou mesmo a construção de novos edifícios, como o Pavilhão dos Garranos ou de Enfermagem Veterinária (5).

Mais de 400 alunos vivem, hoje, diariamente do conhecimento em Refóios ministrado e preparam-se para a valorização da sua vida profissional, nas áreas científicas de Ciências Agrárias, Ciências do Ambiente, Ciências Veterinárias e Ciências Biotecnológicas. A Escola Superior Agrária intervém, ainda, na prestação de serviços à comunidade em diferentes e relevantes áreas como os Sistemas de Informação Geográfica, a Qualidade e Segurança Alimentar, Caracterização Genética de Raças Autóctones, Análise de Solos, entre outros. Participa, ainda, conjuntamente com distintos parceiros nacionais e internacionais, em projectos e estudos científicos.

O Mosteiro está, hoje, vivo e robusto. A Escola dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho perpetua-se, hoje, no Convento e a sua doutrina propaga-se, para bem de todos, na comunidade local, região, no país e mesmo fora dele.

#### Bibliografia Consultada

- (1) Alfredo Pimenta. *A doação de Afonso Ansemondes de 10 Novembro de 1154*, Lisboa, 1938.
- (2) Rui Pinto de Azevedo. *Documentos Medievais Portugueses, I*. Lisboa, 1962 pp. 110-111.
- (3) Alfredo Pimenta. *Cartuário do Mosteiro de Crato*, número especial de "Boletim de Trabalhos Históricos", Guimarães, 1938 pp.43
- (4) Rui Pinto de Azevedo. *Documentos Medievais Portugueses, I*. Lisboa, 1962 pp. 278-279.
- (5) Brito, A.N.V.B.V., Silva, B.F. e Silva, M. C. *Projecto para Instalação de Uma Unidade de Recria de Garranos na ESAPL*. Pub. LEADER I, 1993. *Subsídios para a História do Convento de Refóios*. Ed. IPVC. 1988



Pátio do Mosteiro



Residência dos alunos, da autoria do Arq.º Fernando Távora